

DO PASSADO AO PRESENTE: Um Estudo Sobre a Constituição Histórica da Comunidade Quilombola Nossa Senhora do Livramento.

Igo José Sampaio de Sousa

Universidade do Estado do Pará-UEPA

Igo.jsd.sousa@aluno.uepa.br

Sara Larissa Serrão Muniz

Universidade do Estado do Pará-UEPA

Sara.muniz@aluna.uepa.br

João Luiz da Silva Lopes

Universidade do Estado do Pará-UEPA

Joao.lds.lopes@uepa.br

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar e compreender a constituição histórica da Comunidade Quilombola Nossa Senhora do Livramento, e suas raízes dentro das perspectivas de reconhecimento e pertencimento dos povos quilombolas, além disso, identificar as lutas, desafios e conquistas da comunidade Livramento. Para analisar essa problemática, utilizou-se a abordagem qualitativa, revisões de literaturas sobre a temática, incluindo livros, artigos acadêmicos, entrevistas semiestruturadas, dados institucionais e observações para coleta de dados. Os resultados apontam para um entendimento da temática de forma que analise do passado ao presente a constituição histórica dessa comunidade em que se observa um marco importante de grandes lutas em relação a educação, dignidade, reconhecimento territorial e pertencimento quilombola, além dos desafios, bem como as dificuldades em se obter a construção de seu histórico desde seus antepassados até o momento atual, para mudanças significativas na vila Quilombola como avanços no âmbito de posses territoriais, educacionais, religiosos e local de pertencimento desses povos, onde pudessem conseguir alcançar seus direitos nestas mesmas áreas e espaço dentro da sociedade. Portanto, conclui-se que o estudo feito na comunidade Livramento foi de suma importância para promover a construção e compreender historicamente as raízes desses povos, evidenciando na busca de reconhecimento de pessoas quilombolas, fortificando e identificando seus direitos dentro da sociedade.

Palavras-chave: Comunidade, quilombola, pertencimento, reconhecimento e desafios.

INTRODUÇÃO

Este estudo busca analisar a construção histórica da comunidade Quilombola Nossa Senhora do Livramento, a qual fica localizada no município de Igarapé-Açu, pertencente à região Nordeste paraense. Por conseguinte, vale ressaltar que, a comunidade fica às margens do rio Maracanã cerca de aproximadamente 20 km do centro do município ao qual pertence, seguindo em linha reta por meio da rodovia PA-242.

Para analisar essa pesquisa, buscou-se como forma de investigar e compreender o levantamento histórico nos seus processos de constituição do Quilombo Livramento, as teorias metodológicas tomadas como referência Minayo (2007), no qual cita que a metodologia se estabelece por um caminho de pensamento e suas práticas exercidas em uma realidade abordada. Além disso, o estudo requer uma abordagem qualitativa, pois segundo o autor Chizzotti (2003) este método parte da dinâmica de uma conexão entre o sujeito e o objeto pesquisado em que no caso o sujeito foi o pesquisador e o objeto foi a Comunidade Quilombola. Ademais, como forma de fomentar a pesquisa, também foi necessária uma revisão de literatura sobre a temática, incluindo livros, artigos acadêmicos, entrevistas semiestruturadas, dados institucionais e observações para coleta de dados, permitindo uma análise mais rica e contextualizada, onde possibilitou uma compreensão aprofundada do contexto em questão. Também, o empreendimento de pesquisa se inscreve por um estudo de caso, em que de acordo com o autor Menga Ludke (1983), são feitas a partir de um contexto de descoberta mesmo que já tenha alguns pressupostos teóricos. Neste âmbito, esse processo de construção histórica já deu início com outros autores desde os primórdios do período colonial, mas que esse levantamento e visibilidade seja dada como uma continuidade do que já foi escrito.

É importante compreender a origem do conceito Quilombola, para que assim, possamos entender suas relações sociais, culturais, econômicas e educacionais. Segundo obra “O Fio D’água do Quilombo” das autoras Heloísa Pires Lima, Willivane Ferreira de Melo e Águeda Maria Araújo de Vasconcelos (2012), diz que:

O Dicionário da Língua Portuguesa contemporânea, assinado pela academia das ciências de Lisboa, indica o termo Kilôbu como substantivo masculino e vocábulo quimbundo, uma das línguas bantu africanas, e o traduz como “povoação” (LIMA et.al, 2012, p.19)

Diante da citação acima, os quilombos são traduzidos oficialmente como povoação de origem africana. Vale afirmar, que muitas pessoas têm uma imaginação de que todos os quilombos possuem a mesma característica, porém não é bem assim, devido

as várias regiões demarcadas com os povos em que suas culturas, línguas, crenças são passadas de gerações em gerações de acordo com o ambiente ao seu redor.

Levando em conta de que não existe um “quilombo genérico” que age e pensa de uma mesma maneira, sob as mesmas condições, com os mesmos preceitos religiosos e com os mesmíssimos propósitos. (ALMEIDA, 2023, p.15)

É importante compreendermos que as comunidades quilombolas não são iguais, cada povoação possui suas características próprias, socialmente e culturalmente em todo o seu processo histórico. Desta forma, a população vai aprendendo os costumes, crenças e valores com base no convívio da comunidade a qual pertence.

Essa noção de Quilombo carrega a luta por direitos civis e o reconhecimento de uma particularidade histórica envolvendo as populações negro-afrodescendentes. (LIMA et. al, 2012, p.26)

São notórias, as lutas das comunidades quilombolas por direitos e melhorias sociais, em vários aspectos deste espaço, que historicamente sofre preconceitos raciais de maneira que afeta diretamente a autoestima dos moradores, dificultando e criando barreiras sociais.

Isso significa que, considerados sociologicamente, o preconceito e a discriminação de cor são uma causa estrutural e dinâmica da “perpetuação do passado para o presente”. Os brancos não vitimizam consciente e deliberadamente os negros e os mulatos. Os efeitos normais e indiretos das funções do preconceito e da discriminação de cor é o que fazem, sem tensões raciais e sem inquietação social. Restringindo as oportunidades econômicas, educacionais, sociais e políticas do negro e do mulato, mantendo-os “fora do sistema” ou à margem e na periferia da ordem social competitiva, o preconceito e a discriminação de cor impedem a existência e o surgimento de uma democracia racial no Brasil. (FLORESTAN, 1972, p. 73).

Deste modo, seguindo essa linha de pensamento de Florestan Fernandes, é notório e perceptível que ainda é muito presente no país as heranças e preconceitos do período de escravidão, o que interfere na relação e tentativa de uma criação de igualdade inclusão social de negros e mulatos. Por conseguinte, por haver esta decorrência do passado para o presente, existem uma série de problemática do negro e mulato poder alcançar e ocupar os mesmos espaços de forma igualitária aos dos brancos.

Desta maneira, fica evidente que as lutas e desafios desses povos já se parte do período colonial, considerando que seus processos de constituição sejam de forma lenta e de bastante dificuldade, o que ocasionou um alto índice de que esses quilombolas tenham seu espaço territorial e na sociedade de forma concretizada e institucionalizada.

Nesse sentido, o artigo foi dividido em duas partes, a primeira descreve as Raízes e memórias dentro das perspectivas da constituição da comunidade quilombola do Livramento, e na segunda parte aborda as lutas e desafios para o reconhecimento de serem indivíduos considerados quilombolas na comunidade Nossa Senhora do Livramento.

Raízes e memórias: a construção histórica de uma comunidade.

A comunidade Quilombola Nossa Senhora do Livramento, no qual sofre dificuldade em relação a sua verdadeira data de fundação, teve impacto direto no seu desenvolvimento histórico, cultural e social. É importante descrever, que a comunidade Nossa Senhora do Livramento pertencente territorialmente o município de Igarapé-Açu, o qual fica localizado geograficamente na região nordeste paraense, inicialmente não chamava-se por essa nomenclatura, em que segundo relatos dos moradores locais os quais narram diversas histórias da vila Livramento em que foi repassada de gerações em gerações. Os moradores dizem que a comunidade se chamava pelo topônimo de Tucumanduba, onde não se sabe ao certo porque chamavam assim e que deduzem que seja pela forte influência da árvore frutífera de tucumã, planta nativa da Amazônia.

o Livramento em épocas passadas era conhecida como Tucumanduba distrito de Santarém Novo, e que a partir da Lei 10.131 de 24 de agosto de 1910 foi criada a 4ª circunscrição Livramento passando a fazer parte do município de Igarapé-Açu, porém sendo divulgada a sua instalação apenas em 18 de agosto de 1911. (SOUSA; FERNANDES, 2026, p. 23)

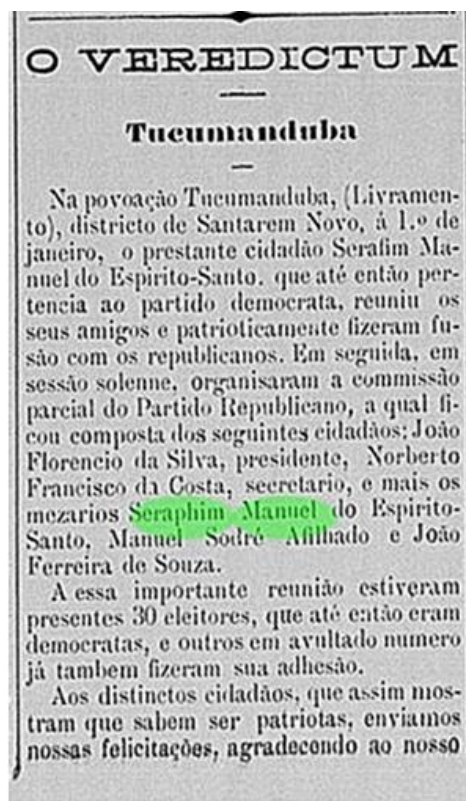
O Extinto povoado de Tucumanduba, atual vila do Livramento pertencia territorialmente ao distrito de Santarém Novo o qual hoje é considerado como Município. Diante desse cenário, o processo migratório foi concedido somente em 24 de agosto de 1910, e passou a fazer parte oficialmente da cidade de Igarapé-açu, quatro anos após sua emancipação política, conforme se pode comprovar abaixo na figura 1 e figura 2.

Figura 1 - Recorte do Jornal a Folha do Norte - 1986.



Fonte: Arquivo pessoal de Elielson Rocha (2023) apud Sousa e Fernandes (2026)

Figura 2 - Recorte do Jornal O Veredictum Tucumanduba



Fonte: Arquivo pessoal de Elielson Rocha (2023) apud Sousa e Fernandes (2026)

Segundo a entrevistada Tereza Soares diz que o governo queria que o núcleo do município fosse naquela comunidade, seria algo muito interessante para o desenvolvimento governamental, mas não para a comunidade, pois perderia sua identidade e ligação direta com sua ancestralidade, porém os seus antepassados não permitiram, pois ficaram muito preocupados com os meios naturais de sobrevivência como: o rio, a floresta e agricultura familiar. Se esse acordo fosse aceito, seria mais desafiador e a coleta dos recursos naturais na comunidade sofreriam impactos diretos, limitando a extração desses recursos para a sobrevivência dos moradores.

Os moradores narram a chegada dos primeiros habitantes daquela localidade conforme seus antepassados contavam a eles, das seguintes narrativas que seus ancestrais vieram por meio dos rios em especial o Maracanã, acorrentados fisicamente como pessoas negras escravizadas. Os rios foram os seus caminhos de refúgio e proteção mediante ao processo da escravidão que acontecia no Brasil. É evidente e lastimável, o processo de escravidão e como afetou grandemente as regiões brasileiras, e na região norte do país não foi diferente.

Inicialmente, os colonizadores subjugaram os distintos povos indígenas muito retirados de maneira forçada da aldeia; depois se concentravam sobre os africanos, sobretudo na segunda parte do século XVIII, com a criação da companhia geral de comércio do Grão Pará e Maranhão (CGCGPM), que regularizou o comércio negreiro para região Amazônica. (SILVA, BARBOSA, 2020, p.2)

Com base na citação acima, compreende-se que, desde 1751 a 13 de maio de 1888, em que foi oficializada a abolição da escravidão no Brasil, passaram-se 138 anos até os dias atuais, que o comércio negreiro era utilizado na região amazônica. Diante disso, evidencia-se que a comercialização no Grão Pará e Maranhão, que geograficamente passava as margens do rio Maracanã, através da ligação do oceano Atlântico, no qual foi utilizado de alguma forma como estratégia para que assim pudessem fugir sobre o rio estreito, de maneira que seria mais difícil acesso com grandes embarcações. Assim, pode-se considerar que o ocorrido das fugas tenha sido sim, nesse intervalo entre 1751 e 1888. Diante desse cenário, seria possível estimar que a vila do Livramento tenha até os dias atuais, aproximadamente 138 anos de habitação, local de refúgio e libertação, um recomeço para aqueles que foram os primeiros a habitarem na comunidade como diz a entrevistada 1.

não me envergonho de falar de onde eu vim o que eu passei pra hoje tá melhor a situação pra mim pra minha família e pra todos aqui na comunidade mas é muito bom que a gente relata o passado da gente pras pessoas saber que nada é fácil tudo veio com trabalho tudo veio com sacrifício principalmente um pouco deles né que quando eles chegaram aqui eles vinham refugiados né como escravo a maioria. (ENTREVISTADA 1, 2025).

A Vila caracterizada pelo nome Livramento, atualmente pelo fato de que recebe a devoção popular a uma pequena santa intitulada Nossa Senhora do Livramento, em que foi construída uma capela inicialmente feita de pedras a qual foi demolida, já a segunda foi erguida por uma determinada família, porém os moradores relatam que não eram autorizados a frequentar, pois era de uso exclusivo da família de seu Júlio Terán. Com o abandono da pequena capela, a comunidade passou a frequentar e tornou-se como padroeira da comunidade, a imagem sagrada além da pequena imagem ter esse nome, traz grande referência à comunidade, onde é a origem da libertação de um povo, e por isso a devoção tornou-se muito forte na vila.

Figura 3- Capela de Nossa Senhora do Livramento.



Fonte: Arquivo pessoal de Igo Sampaio (2025)

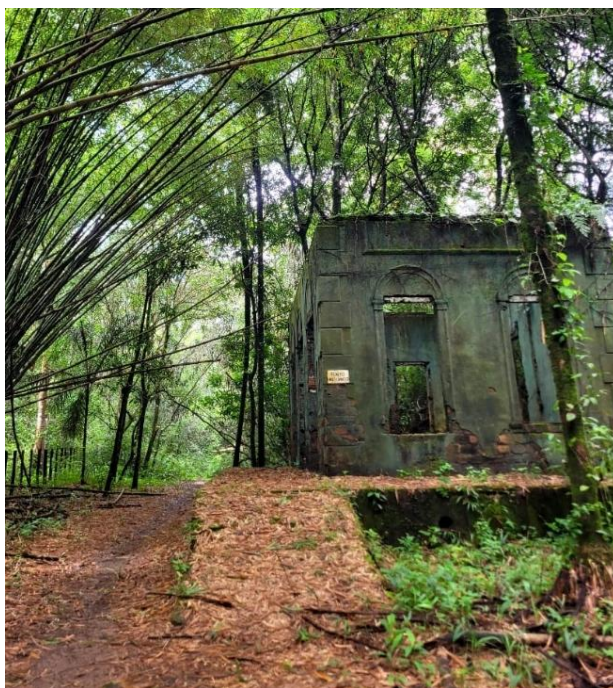
As famílias que se instalaram as margens do rio Maracanã, na comunidade do Livramento, são deslocadas para a sede do novo núcleo, como forma de conter a crescente e desordenada a ocupação da área. (Rocha, 2015, p.54)

Também é importante frisar que, a comunidade foi migrando conforme a necessidade e o desenvolvimento da construção da estrada de ferro Belém, Bragança, em que durou em torno de 25 anos para ser construída, sendo de 1883 a 1908. Durante o intervalo desses 25 anos foi construída a estação do livramento e a ponte a qual inicialmente foi construída de ferro encontrando-se atualmente na comunidade elevada sobre o rio Maracanã.

... Através da Lei Nº 902 de cinco de novembro de 1903, eleva à categoria de povoação à colônia de Igarapé-Açu, sendo suas terras incluídas nos distritos de castanhal, município e comarca da capital, Belém. No mesmo ano foi construída a ponte de madeira sob o rio Maracanã, depois substituída pela de ferro preservada, até os dias de hoje. (ROCHA, 2015, p.57)

Diante da citação acima, observa-se que o autor mostra que a ponte teve o intuito de ajudar na locomoção dos moradores e um meio de facilitar a expansão da comercialização sendo construída no século XX. É possível afirmar que desde 1903 até o ano de 2025 do período da construção da ponte até o referido ano, possui 122 anos do ocorrido, ressaltando que a comunidade quilombola já estava fixada desde algumas décadas neste mesmo espaço.

Figura 4 - Ruínas da antiga estação de Trem



Fonte: Arquivo pessoal de Igo Sampaio (2025)

Quando da substituição do Banco Norte do Brasil pela firma Pereira Barbosa & Cia., foram inauguradas as estações de: Livramento - km141, em 9 de março 1903; Peixe-Boi - km 163, em 1 de março de 1907; Capanema - km 182, em 16 de novembro 1907; Tauari (Parada) - km191, em 1 de janeiro de 1908; Quatipuru - km 211, em 24 de fevereiro de 1908. Depois tantas batalhas e de exaustivos trabalhos, chegar a Bragança era um sonho que já pendurava há 25 anos. A 3 de maio de 1908, finalmente, é inaugurada a primeira ferrovia da Amazônia, por onde seria escoada toda a produção agrícola da região bragantina. (FREITAS, 2005, p.21-22)

No mesmo ano da inauguração da estação, foi também a da caixa d'água e a ponte de ferro ambas as obras ainda presentes na comunidade, sendo consideradas patrimônios históricos do município e pertencente a extinta estrada de ferro Belém, Bragança conforme nota-se nas figuras 5 e 6.

Figura 5- Ponte de Ferro do Livramento



Figura 6- Caixa d'água



Fonte: Arquivo pessoal de Sara Muniz (2025)

Segundo uma moradora local, a mesma possui 73 anos de idade, relata sobre a construção da ponte de ferro, porém foi possível analisar que não era da primeira construção que ela estava falando e sim de uma reforma que aconteceu.

" Eu lembro quando estava construindo essa ponte. Quando estava construindo a ponte, eu ainda lembro. Eu tinha 5 anos. Às vezes meu pai dizia, você não vai lá. Mas você sabe como é uma criança curiosa? Eu olhava. Havia grandes motores, muito grandes que expandiam as pessoas que trabalhavam naquele tubulão. Nós chamamos de tubulão. Eu não sei como era chamado. Eles chamavam lá em São Paulo. Eu tinha 5 anos. Eu estava crescendo, então os trens estavam chegando. Então eu era muito medonha também, eu não pegava os trens..." (ENTREVISTADA 4, 2025)

Desta forma, nota-se que a ponte se passou longos anos para ser revitalizada, em vista disso, é importante compararmos que em todo o processo de construção histórica da comunidade quilombola Nossa Senhora do Livramento, teve forte influência direta com a estrada de ferro Belém, Bragança e com o desenvolvimento urbano da localidade.

Ademais, a comunidade desde seus primórdios de revitalização, no período colonial, precisamente nos anos de fugas de grandes embarcações para que pudessem ser libertos das escravidões, para que conseguissem "seguir em frente" e tentar uma vida melhor, ainda passaram por diversas dificuldades, lutas e sofrimentos para poderem fixar

nesta região da Vila Nossa Senhora do Livramento. Nesse sentido, conforme foram se fixando neste espaço ao longo dos anos, foram buscando nesta comunidade um espaço que fosse de sua autenticação, dentro dos seus costumes, práticas, crenças e cultura de um povo quilombolas.

Além disso, vale salientar que até os dias atuais esses mesmos povos sofrem impactos diretos no contexto social, cultural, econômico e político ocasionando assim, dificuldades para construção dos seus direitos territoriais e sociais, devido às heranças que se perpetuam no período das escravidões de negros.

Lutas e desafios para o reconhecimento quilombola.

Historicamente os quilombolas passaram por diversos desafios e repressão marcados na história do povo negro, desde suas lutas pela liberdade quanto pelo reconhecimento de pertencimento, as lutas foram travadas e até os dias atuais sofrem impactos diretos no contexto social, assim compreende-se que a resistência persiste e a comunidade só é existente por muitas lutas há décadas. Além disso, é importante evidenciar que ainda continuam enfrentando repressão e discriminação racial.

Devido as migrações de tráfico humano e as colonizações feitas nesse período, é válido evidenciar que contribuiu ainda mais para as criações de preconceitos raciais até os dias atuais, de forma que prejudicasse a convivências pacíficas entre os indivíduos, por ter sido criado essas relações de forma desigual. Além disso, também encadeia as consequências de que se pratique o racismo, a xenofobia, todos os tipos de discriminações e a intolerância religiosa.

Também é importante ressaltar que devido às heranças passadas de geração em geração, os quilombolas ainda hoje sofrem pela discriminação racial e preconceito de todos os contextos de seus ciclos de vida.

Muitos membros da comunidade ainda não têm compreensão ou conhecimento sobre o termo e o conceito quilombola, diante disso, pode gerar uma contradição no que se refere ser quilombola sobre sua ancestralidade e a forte ligação das práticas culturais próprias da comunidade, além do pertencimento a um grupo étnico racial.

A escravidão – indígena e africana – pontilhou toda a América Portuguesa e depois o Império Brasileiro. Como a legislação colonial e depois a imperial definiu os quilombos? Com algumas especificidades regionais, os quilombos foram definidos como agrupamentos de 2 a 3 negros fugidos. Qual seja, não eram definidos exclusivamente pelo número de habitantes (tipo mais de 10, 50 ou 100 por exemplo) ou por uma organização social. Era, portanto, uma

definição bem flexível em termos das experiências históricas. (DOMINGUES, GOMES, 2013, p.7)

Diante da citação, os quilombos não são definidos pelo quantitativo de habitante sendo considerado a partir de dois negros fugido da escravidão já se pode determinar um agrupamento quilombola. A comunidade quilombola Nossa Senhora do Livramento não sabe ao certo quantos vieram fugidos, mas os descendentes locais referem-se em suas narrativas passadas de maneira informal a eles que seus sucessores chegaram acorrentados, mas que conseguiram sobreviver os perigos do rio Maracanã.

A terceira entrevistada emociona-se ao falar de sua avó, “ela falava que ela... chegou que nem um escravo, né? chegou que nem um escravo aqui...” Pelas conversas dos habitantes jamais deixaram as marcas do pertencimento racial negro se apagar de modo que afirmam com muito orgulho de serem descendente de pessoas negras escravizadas, os quais resistiram e persistiram em sua liberdade e de seus futuros descendentes.

Nesse contexto é importante afirmar, que a valorização quilombola é um reconhecimento identitário da trajetória dos movimentos sociais negros e o fortalecimento das comunidades que se baseia como um meio de resistência e persistência na luta pela sua liberdade.

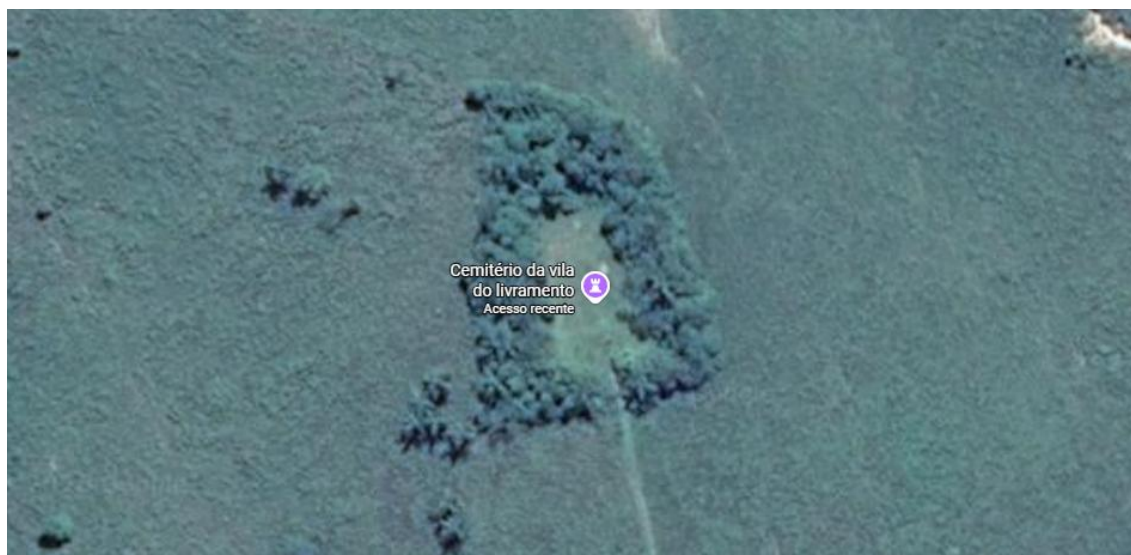
a ideia de quilombo foi ressignificada como referência histórica fundamental, tornando-se, assim, um símbolo no processo de construção e afirmação social, política, cultural e identitária do movimento negro contemporâneo no Brasil. Se antes o quilombo era visto como resistência ao processo de escravização do negro, a partir dali ele se converteu em símbolo, não só de resistência pretérita, como também de luta no tempo presente pela reafirmação da herança afro-diaspórica e busca de um modelo brasileiro capaz de reforçar a identidade étnica e cultural. (DOMINGUES, GOMES, 2013, p.10)

Essa referência histórica do movimento quilombola é admirável pelo fato de suas lutas, principalmente pelas suas demarcações territoriais de modo que, assegura a integridade comunitária e valores de pertencimento de maneira que intensifica a cultura local além de aprimorar as suas especificidades.

Nesse âmbito, a comunidade de Nossa Senhora do Livramento vem fortalecendo cada vez mais esse movimento com o objetivo de assegurar não somente suas heranças ancestrais, como também os direitos comunitários, os quais já enfrentam muitos obstáculos em questões territoriais, sendo uma delas o acesso ao cemitério, onde enfrentam grandes dificuldades de locomoção de maneira que limitam o cortejo até o

local de sepultamento. O cemitério utilizado pela comunidade está situado dentro dos limites ocupada por uma fazenda particular, e para chegar até ele, os moradores precisam passar por um corredor estreito, cercado dos dois lados conforme vemos na imagem abaixo.

Figura 7: Cemitério da Vila do Livramento em Igarapé-açu/PA.



Fonte: Google Maps (2026)

Além dos moradores relatarem que o atual cemitério já é o segundo a ser criado na comunidade, pois o primeiro fica a margens do rio e não se tem mais acesso, em que ele fica dentro da fazenda assim como o atual.

A entrevistada 3 diz sobre suas lutas em questões do cemitério. "Nós se reunimos com a minha tia e fizemos reclamação. Porque eles queriam tapar o... O caminho do cemitério lá, pra gente ver. Eles queriam passar a cerca direto. Aí nós fizemos reclamação".

Diante desse ocorrido, é possível afirmar que as lutas enfrentadas pela comunidade tiveram impacto direto refletindo até os dias atuais de maneira que não perdesse a ligação direta com suas origens, como a questão do cemitério local onde os moradores sofrem inúmeras dificuldades em relação aos sepultamentos de seus falecidos. Além da fragilidade pela perda ainda mais lamentável a situação enfrentada para uma dura despedida.

Além do caminho é da terra estreita entre o pasto e o cemitério dentro da fazenda, aos moradores também carregam a dor da perda a qual não espera autorização para chegar,

e na vila do Livramento a comunidade quilombola aprendeu que até a morte encontra cercas, e mesmo assim resistem. Flores são levadas para os túmulos, pelo estreito corredor da fazenda e velas são acesas mesmo com vento da solidão, porque a memória dos seus antepassados é maior que os arames e a dor da despedida conforme percebemos na figura abaixo.

Figura 8 - caminho do cemitério do Livramento.



Fonte: Arquivo pessoal de Igo Sampaio (2025)

Mediante a tantas adversidades, nota-se que as mulheres foram peças principais para a evolução comunitária de jeito árduo, as quais travaram batalhas por melhoria coletiva, liderando assim a comunidade Nossa Senhora do Livramento. É importante dizer que o empenho e anseio das mulheres da comunidade sempre foi a busca pela garantia dos direitos da coletividade a qual pertencem.

A liderança de mulheres da comunidade é reconhecida como guardiã da cultura e da identidade quilombola contemporânea na Amazônia, enfrentando desafios diários que vão desde a preservação das tradições, até a conquista de espaços de representatividade e participação nas decisões, essas que afetam suas vidas e seu território. Como herança desse ativismo ancestral, houve a criação da Associação dos Remanescentes de Quilombos Nossa Senhora do Livramento (ARQUINSEL), que foi fundada no ano de 2009. (SOUZA et.al, 2024, p.4)

Com as lutas das mulheres, tornou-se um dos marcos importantes desse processo histórico em reconhecimento às suas ancestralidades, onde oficializaram a Associação Remanescente dos Quilombolas Nossa Senhora do Livramento (ARQUINSEL) no ano de 2009. Desta maneira, é importante refletir sobre o espaço que se foi ocupado e o cenário de reconhecimento quilombola, em que se buscou a identificação comunitária a qual é assegurada pela Constituição Brasileira de 1988, no ato das disposições constitucionais transitórias. No Art. 68 da constituição Brasileira (1998) diz que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é

reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.”

A partir da compreensão, constata-se que os direitos territoriais pertencem integralmente a comunidade quilombola Nossa Senhora do Livramento. Nesse sentido, mesmo com os direitos legais favoráveis à Vila, as barreiras enfrentadas percorrem historicamente na comunidade em relação aos estereótipos construídos socialmente.

Desta forma, percebe que desde o ano de 1888 até o ano de 2009, ou seja, 121 anos que a comunidade não usufruía fortemente de seus direitos sociais, econômicos e políticos. Somente após esses 121 anos, que foi criada a Associação de Remanescentes Quilombola Nossa Senhora do Livramento (ARQNSL) para trabalharem por meio de grandes lutas na construção dessa associação e poderem usufruir seus direitos na sociedade. Diante deste fato, é notório que muitos anos se passaram para ser criado um meio de políticas públicas para os Quilombolas da comunidade. A figura 9, mostra a sede da Associação da comunidade do livramento ARQNSL, atualmente.

Figura 9 - Associação de Remanescentes de Quilombos Nossa Senhora do Livramento.



Fonte: Arquivo pessoal de Igo Sampaio (2025)

Analisando este cenário, observa-se que antes disso, de acordo com a entrevista realizada com um dos pertencentes da comunidade local, em que afirma que a comunidade não conseguiria conquistar seus direitos no âmbito social político e econômico se não fosse por meio da Associação. Além de poderem registrar seus territórios de pertence e reconhecimento de pessoas quilombolas, previsto no Art. 68 da Carta Magna (1988).

Outro ponto importante para ressaltar é a educação, nesta comunidade em que a princípio havia uma precariedade, era considerada como “fraco” expressado na fala de uma entrevistada, onde a mesma diz que em sua época, a escola da comunidade somente ia até a quarta série do ensino fundamental, e as pessoas tinham um índice de rendimento educacional baixo, devido aos processos educacionais serem baixo, mas também porque essas pessoas iam para escola até o momento em que a família não precisasse para ajudarem nos “afazeres” da casa e de suas atividades de trabalho.

A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, por meio de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar – , de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 2013, p.7)

Dando seguimento à citação do autor Carlos Rodrigues Brandão, é importante pontuar que a educação vai para além dos muros das escolas, e que mesmo que a comunidade nesses períodos primordiais relacionados ao processo educacional escolar, tecido de forma precária, e de pouco rendimento, não deixaram de receber uma educação vinda do seu grupo familiar, onde é o primeiro grupo social que um indivíduo recebe seus primeiros contatos com a educação, que identificam e aprendem seus costumes, crenças, culturas, e até mesmo suas atividades de trabalho passados de geração em geração.

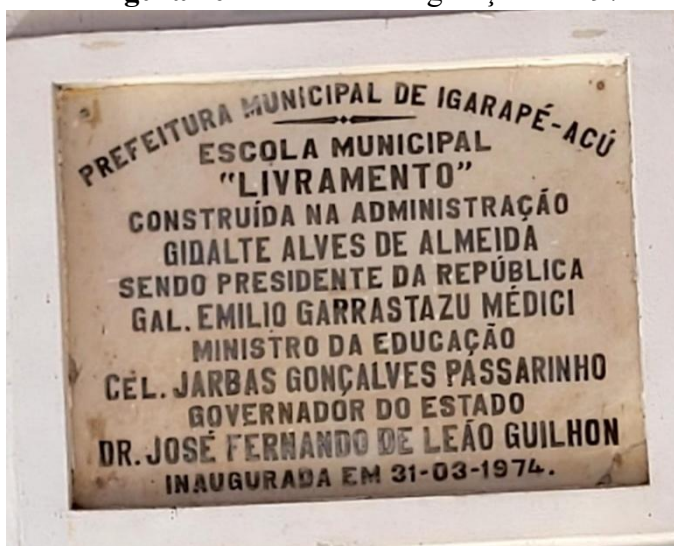
“lembro da minha infância que na época aqui na nossa comunidade tinha um colégio mas antigo foi aonde eu comecei a estudar naquela época era muito diferente da época aquela época a gente começava estudar pela cartilha de abc e depois da cartilha de abc começava no primeiro ano no primeiro livro na época naquela época a gente não tinha merenda a gente era muito simples né eu ia pra aula e eu sei eu aprendi o pouco eu sei ler mais do que escrever que eu estudei até a quarta série no que eu estudei até a quarta série porque eu precisava trabalhar na roça ajudando minha mãe também trabalhar na época porque tinha que ela ir pro roçado e eu também tinha que ajudar ela plantar pra que hoje, hoje eu sou concursada pra dizer pra vocês eu sou concursada pela agricultura porque eu sou aposentada pela agricultura né porque eu trabalhava na roça então hoje eu consegui e sou aposentada por isso daí por diante vamo dizer consegui minha família, meus filhos, consegui minha família né, hoje eu vivo com minha filha meus netos né então pra dizer a verdade eu sou muito feliz, porque naquela época não era muito fácil pra todo mundo aqui na comunidade” (ENTREVISTADA 1, 2025)

Nesse sentido, pode-se afirmar que a comunidade Quilombola do Livramento, também registra o seu método de educação, mesmo nos limites desafiadores

principalmente no âmbito socioeconômico, em que os moradores da comunidade produzem e praticam os conhecimentos passados por longas gerações, para que possam reproduzir os ensinamentos das atividades econômicas passadas de pais para filhos, que vão se perpetuando ao longo dos anos.

Desta maneira, compreende-se que a educação é importante em todo o ambiente, a qual foi de grande contribuição para a alfabetização de alguns membros da comunidade, mesmo com restrições ao ensino. Os alunos frequentavam um ambiente escolar tradicional como já dito por pelas entrevistadas, onde teve a oportunidade de obter o convívio escolar. Levando em conta que as entrevistadas frequentaram a antiga escola a qual encontra-se somente o pavimento da construção, faz-se o seguinte questionamento a todos, como chamava-se o nome desse prédio? Não sabemos, porém conforme comprova-se na Figura 10, deste trabalho afirma-se que a atual instituição já sofreu alteração em sua nomenclatura, ela foi inaugurada no dia 31 de março de 1974, e chamava-se pelo nome de Escola Municipal Livramento, conforme consta em uma de suas placas inaugurais. Atualmente a escola não possui mais a mesma denominação, pois foi renomeada como Escola Municipal de Ensino Fundamental Lauro Alves Ramos, visivelmente na placa de identificação escolar como mostra a figura 11.

Figura 10 - Placa de Inauguração de 1974.



Fonte: Arquivo pessoal de Igo Sampaio (2025)

Figura 11 - E. M. E. F. Lauro Alves Ramos



Fonte: Arquivo pessoal de Igo Sampaio (2025)

Considerações Finais

A pesquisa feita do Passado ao Presente: um estudo sobre a constituição histórica da comunidade Quilombolas Nossa Senhora do Livramento, em que no processo desse estudo, ficou evidente a importância de constituir e compreender o levantamento histórico da comunidade Quilombolas, onde buscou compreender historicamente as raízes da vila e evidenciando suas lutas, desafios, conquistas e na busca de reconhecimento e pertencimento de pessoas Quilombolas. Deste modo, ressaltando que mesmo tendo um reconhecimento e levantamento histórico de suas raízes, esses povos ainda sofrem barreiras e grandes desafios na busca por um espaço na sociedade.

Nesse âmbito, identifica-se que a comunidade quilombola teve como principais lutas na busca por um marco importante de grandes reivindicações em relação a educação, dignidade, reconhecimento territorial e pertencimento quilombola, além dos desafios, bem como as dificuldades em se obter a construção de seu histórico desde seus antepassados até o momento atual, para mudanças significativas na vila Quilombola como avanços no âmbito de posses territoriais, educacionais, religiosos e local de pertencimento desses povos, onde pudessem conseguir alcançar seus direitos e a criação da Associação considerada como uma de suas maiores conquistas, onde por meio desta, eles possam reivindicar seus direitos nestas mesmas áreas e espaço dentro da sociedade.

A pesquisa contribui para uma análise mais aprofundada, abordando fortemente o conhecimento sobre o levantamento histórico da comunidade quilombo Nossa Senhora do Livramento, localizada no município de Igarapé-açu, no nordeste paraense. Nesse âmbito analisando as raízes históricas, reconhecimento, lutas e desafios da comunidade Quilombolas.

Por fim, conclui-se que de acordo com os fatos citados, faz-se necessário fortificar e concretizar os direitos dos povos Quilombolas da comunidade Livramento, assim poderão usufruir por meio de seus reconhecimentos e autenticação quilombolas dentro da sociedade.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O QUE É EDUCAÇÃO**. Editora brasiliense. 57^o reimpressão, 2013. 1^o capítulo, p. 1-8.

BRASIL. **[Constituição (1988)]**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**. São Paulo. 6 ed. 2003. vol.16. p. 79.

DOMINGUES, Petrônio. GOMES, Flávio. **HISTÓRIAS DOS QUILOMBOS E MEMÓRIAS DOS QUILOMBOS NO BRASIL: REVISITANDO UM DIÁLOGO AUSENTE NA LEI 10.639/03**. Revista da ABPN, V.5, n 11, p.1-28, 2013.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

FREITAS, Aluizio Moraes de. **Memórias de Igarapé-Açu**. p.1-162, 2005.

HAGE, Salomão M. Amaral, Assunção J.P. et al. **QUILOMBOLAS DO PARÁ: Terra, territórios e educação**. p.1-290, 2023.

LIMA, Heloisa Pires; MELO, Willivane Ferreira de; VASCONCELOS, Águida Maria Araújo de. **O Fio D'Água do Quilombo: Uma narrativa do Zambeze no Amazonas?**. São Paulo: Prumo, 2012.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed., Petrópolis: Vozes, 2007.

ROCHA, Antônio Elielson Sousa da. **São Luís: A vila Caripi e a colonização da Região Bragantina**. 2014, p.1-116.

SILVA, Marley Antonia Silva da. BARBOSA, Benedito Carlos Costa. **A “cidade enegrecida”: escravizados na Belém do Grão-Pará colonial**. Revista de Estudios Brasileños, Vol.7, número 14, p.109-122, 2020.

SOUZA, Kauany Victória Silva et.al. **Protagonismo feminino na comunidade quilombola Nossa Senhora do Livramento, no município de Igarapé Açu-Pará¹**. Minas Gerais. P. 1-10, 2024.